SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO

ANO XLI

Número 485

Maio/1986

Mensário — Órgão oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal
Travessa das Galeotas, nº 1 - 1300 LISBOA

Avulso: 40$00



CONFERÊNCIA NACIONAL:

O SABOR A AMARGO-DOCE
DUMA REUNIÃO
POUCO PARTICIPADA

Págs. centrais

PRIORIDADES NACIONAIS

PARTICIPAR ACTIVAMENTE NO ACAMPAMENTO NACIONAL

PREPARAR A ESCOLHA DOS 3 DIRIGENTES MÁXIMOS ASSOCIATIVOS

DISCUTIR A PROPOSTA DA NOVA ORGÂNICA GERAL DOS GRUPOS

CONCURSO DE FOTOGRAFIA

"JORNAL SEMPRE PRONTO"

REGULAMENTO EM TODOS OS GRUPOS

ATÉ 15 JULHO 1986

ERA UMA VEZ...

RELEMBRANDO! . . .

Foi no Pinhal do Picão, sobranceiro ao rio Douro, que o 91 instalou o seu acampamento num fim-de-semana naquele mês de Julho.

Estava eu a desenvolver um exercício de orientação, quando ouvi uma voz aflitiva gritar:

— Oh! Chefe, oh Chefe!

Larguei a correr para onde provinha a voz e encontrei o «urso pardo», de cócoras, a mostrar-me o rabo todo «borrado».

— Que aconteceu? — perguntei eu, sem poder conter o riso.

— Eu estava aqui a fazer as minhas «necessidades» e passou o Guia e deu-me um empurrão e eu caí e fiquei assim! . . .

— E agora, se eu subo as cuecas «borro-as» todas! — disse gemendo, o «urso pardo».

— Então; disse eu, vai além aos fetos e limpa o rabo e depois vai lavar-te ao rio.

Voltei ao acampamento e chamei o Guia e disse-lhe:

— Que fizes-te ao «urso pardo»?

— Oh! Chefe, então nós tivemos um trabalhão a fazer a latrina e aquele porco não a quis utilizar! . . . quando o vi de cócoras dei-lhe um empurrão e ele quando caiu nas suas próprias «necessidades»! . . .

Ele caiu naquilo que era dele! Disse ufano o Guia enquanto se afastava.

Pena d'Água
Arnaldo Eduardo Couto

ESTAMOS NO CONSELHO CONSULTIVO DE JUVENTUDE

O Esc. Ch. Nacional, Eng. Rui Trindade Fonseca, em representação da AEP, foi um dos 21 elementos que no passado dia 21 de Maio tomou posse como membro do Conselho Consultivo de Juventude.

O primeiro-ministro, Cavaco Silva, que deu posse ao Conselho Consultivo de Juventude, classificou este órgão como «o mais amplo espaço até hoje conseguido, em termos de diálogo com jovens».

O Conselho é integrado por representantes dos ministros da Defesa, do Plano, da Agricultura, da Indústria e Comércio, da Educação, do Trabalho e da Secretaria de Estado do Turismo, no que toca à área governamental.

Este órgão inclui, ainda, representantes do Conselho Nacional de Juventude, das juventudes partidárias, dos jovens agricultores, empresários e associações não políticas.

Como representantes das associações não políticas, tomaram posse para além da AEP, a Intercultura e os Amigos da Terra.

O Conselho Consultivo de Juventude, criado em Janeiro por resolução do Conselho de ministros, existe formalmente a partir desta tomada de posse e será presidido pelo secretário de Estado da Juventude e coordenado por António José Seguro, do Conselho Nacional de Juventude.

«A tomada de posse do Conselho Consultivo de Juventude representa mais um passo significativo no desejo que todos temos de cada vez mais associar a juventude à resolução dos seus próprios problemas e dos problemas nacionais», disse o primeiro-ministro.

Compete a este órgão analisar e dar parecer sobre questões relacionadas com a política de juventude e a integração do jovem no contexto socioeconómico, apreciar projectos de diplomas de carácter sectorial e emitir pareceres específicos que lhe sejam pedidos pelo secretário de Estado da Juventude.

Na ocasião, Cavaco Silva referiu a existência de 300 mil jovens desempregados em Portugal, dos quais 200 mil procuram o primeiro emprego. «O desemprego», acrescentou, «atinge cerca de 14 por cento dos jovens entre os 14 e os 25 anos e, em cada dia que passa, uma média de 100 mil jovens chega à idade de integração na vida activa».

Com a participação dos Escoteiros de Portugal no Conselho Consultivo de Juventude, mais um passo foi dado no sentido da AEP colaborar activamente na discussão e resolução dos problemas dos jovens em Portugal. Até que enfim!

O HISTORIADOR E O ESCOTISMO



JOSÉ HERMANO SARAIVA
(Historiador)

Escotismo é a única escola **Total.**

A primeira lição que lá se aprende é a de que comeceis pois com o suor do teu rosto.

É uma evidência tão óbvia que a escola de hoje a esqueceu, e daí o estado de invertebração a que chegou.

O que distingue o método escotista das rotinas cívicas é que lá, só pela actividade se existe; nas escolas vulgares é a passividade o que se espera.

Na minha vida, foi o único lugar onde nunca me pediram que estivesse quieto.

Quem me conheça, pode julgar até que ponto esta lição se enraizou em mim. E hoje o escotismo é mais urgente que no tempo de Baden Powell.

De certo modo, ele foi apenas o percursor. agora é que é a hora marcada.

SEMPRE PRONTO

Propriedade dos Escoteiros de Portugal

Director: Dr. Nélson Pinto Horta
Chefe de Redacção: Ricardo Coimbra
Colaboradores:
Paulo Marques
Ana Noronha
Carlos Namorado
Augusto Marreiros
Rogério Castro – **Ilustrações**
Rui Cunha – **coordenação gráfica**
Administração: João Madeira
Redacção e Administração: Travessa das Galeotas, 1 (à Junqueira) 1300 Lisboa
Telefone: 639339
Composição: GRAFICERTA – Artes Gráficas Lda. Lisboa
Impressão: FOTOGRAVURA CORTE REAL Odivelas
Assinatura Anual:
Ordinária – Esc.: 480$00
De patrocínio – Esc.: 750$00
Despesas de cobrança – Esc.: 100$00
Espanha e países de África de expressão portuguesa Esc.: 550$00
Outros países: Esc.: 900$00 (U.S. $5,50)



FALAR DE SENSIBILIDADE
FALAR DE VIDA
É SENTIR
O SER CRIANÇA

Vive e dorme no meio de sonhos, imaginação e uma boa quantidade de alegria.

● Os cabelos ficam ainda mais soltos ao vento...

● Dois olhos bem abertos, observam uma formiga que percorre uma mão de encontro a um braço...

● O nariz bem delineado, tem o prazer de sentir uma flor...

● A boca aproveita para assustar alguém soltando a sua língua, ou para se alargar, mostrando todos os dentes, quando vê um arco-íris e o acorda com uma gargalhada...

● As mãos tocam e misturam-se com a Terra...

● Todo o seu corpo rebola num relvado privilegiado, que é o seu Coração.

Falar de sensibilidade,
Falar de cor,
Falar de Vida, é sentir o ser-Criança.

Quanto mais nos debruçamos sobre as crianças, mais descobrimos a nossa pequenez, face a seres tão grandiosos e extremamente ricos.

Quem consegue sentir tudo o que referi anteriormente, é digno de ser apreciado e aprendido.

Como começar então?

Se pretendermos dispensar pouco tempo, e ficar bem vistos, podemos organizar festas (com muitos palhaços, como convém), de Natal, de feriados nacionais, de férias grandes, e, sobretudo, não esquecer de preparar minimamente o seu Dia Internacional, tão próprio de todos os que passam despercebidos no dia-a-dia.

Se por outro lado, entendermos a importância do Viver e quisermos partilhar o que somos com gente incrivelmente bonita, teremos que dispor de bastante tempo, talvez até uma vida.

As crianças não podem ser tornadas bonecos vivos, por quem deixou os seus de borracha bem guardados na arca velha, colocada no sótão do esquecimento.

São elas, as que exigem mais por parte dos outros que as rodeiam. Não se contentam com as palhaçadas dos momentos oferecidos, mas sentem a falta de Justiça, Simplicidade, Igualdade e especialmente Amor.

Estes são, por conseguinte, alguns dos valores mais difíceis de atender ou de corresponder por parte dos mais crescidos (?), pois representam acima de tudo, o ponto de separação dos dois mundos: o natural das crianças e o complexo dos adultos.

Com quedireitoscelebramos o Dia Internacional da Criança, se os sues não são respeitados e cumpridos?

Será nossa intenção, rir com 50% das crianças do Mundo, num quarto forrado com papel florido, e com todas as infantilidades possíveis, enquanto elas se apercebem e sentem (pois têm acima de tudo sensibilidade), que há crianças como elas que sofrem?

Não é obrigatório pensar em África ou qualquer país do Terceiro Mundo, apesar de nestes ser mais notório o sofrimento.

É premente OLHAR e reparar profundamente em todas as que nos rodeiam e dedicarmo-nos.

Teremos acima de tudo, de aprender com elas, o sentido de solidariedade e de alegria; soltar de uma vez por todas as nossas mãos, solidárias com tantas outras, para assim compreendermos o valor de um sorriso.

Celebremos um Dia Internacional da Criança, interior.

Poderemos finalmente prepararmo-nos para a grande aventura na sua descoberta.

Maria Irene

A FLOR

Pede-se a uma criança: Desenha uma flor! Dá-se-lhe papel e lápis. A criança vai sentar-se no outro canto da sala, onde não há mais ninguém.

Passado algum tempo o papel está cheio de linhas. Umas numa direcção, outras noutra; umas mais carregadas, outras mais leves; umas mais fáceis, outras mais custosas. A criança quis tanta força em certas linhas que o papel quase que não resistiu.

Outras eram tão delicadas que apenas o peso do lápis já era de mais.

Depois a criança vem mostrar essas linhas às pessoas: uma flor!

As pessoas não acham parecidas estas linhas com as de uma flor!

Contudo, a palavra flor andou por dentro da criança, da cabeça para o coração e do coração para a cabeça, à procura das linhas com que se faz uma flor, e a criança pôs no papel algumas dessas linhas, ou todas. Talvez as tivesse posto fora dos seus lugares, mas são aquelas as linhas com que Deus faz uma flor!

ALMADA NEGREIROS

ESCOTEIROS PROMOVEM A SAÚDE NO MUNDO

Em numerosos países as Associações de Escoteiros e Guias colaboram na promoção da saúde das crianças.

Os escoteiros são formados como promotores da saúde, esclarecendo crianças, famílias e responsáveis comunitárias sobre as técnicas elementares da sua saúde e das suas comunidades.

No Mundo, as organizações escotistas e guidistas trabalham em estreita colaboração com a UNICEF, recolhendo fundos para projectos de saúde, colocando-se à disposição de outras organizações, vendendo artigos ou ainda editando dossiers referentes à educação no desenvolvimento.

O mapa mostra os países onde as organizações escotistas trabalham com projectos pilotos, alguns em estado de planificação e outros já em curso.

ESCOTEIROS, GUIAS E UNICEF JUNTOS AO SERVIÇO DAS CRIANÇAS

Campanhas de vacinação... visita a domicílio para explicar a importância da vacinação, apelando junto das comunidades e ajudando nos centros de vacinação.

Terapia de rehidratação oral (TRO)... fabrica e distribui uma mistura simples de sal e açúcar para combater a diarreia — a doença mais mortal para as crianças do Mundo inteiro.

Educação na saúde... informar e educar as mães, crianças e grupos comunitários através de espectáculos, cantos, cartazes e de brochuras contendo uma mensagem sobre saúde e alimentação.

NÓS AS CRIANÇAS SOMOS O MUNDO

Segundo um relatório da UNICEF intitulado «A situação da crianças no Mundo em 1986» a vida de mais de um milhão é salvo cada ano graças a técnicas de saúde simples e pouco dispendiosas.

O relatório apresenta 3 exemplos onde os escoteiros têm participado em acções de protecção à criança.

Em El Salvador, escoteiros colaboram com outras organizações num programa de vacinação. Mais de 250 000 crianças foram vacinadas nos mais de 2000 postos temporários de vacinação.

No Haiti, escoteiros e outros grupos, que estão em contacto regular com a população, iniciaram um curso de formação para fabricarem o produto da terapia da rehidratação oral. As saquetas da (TRO) foram distribuídas posteriormente por intermédio de milhares de pequenas lojas. Hoje, mais de 80% das famílias que habitam nos bairros de lata de port-a-Prince, e 30% das famílias das zonas rurais utilizam normalmente o TRO.

«A sobrevivência das crianças», é hoje uma das especialidades que os escoteiros podem tirar no Brasil. Eis um meio que testemunha que os escoteiros podem participar em programas de saúde para crianças.

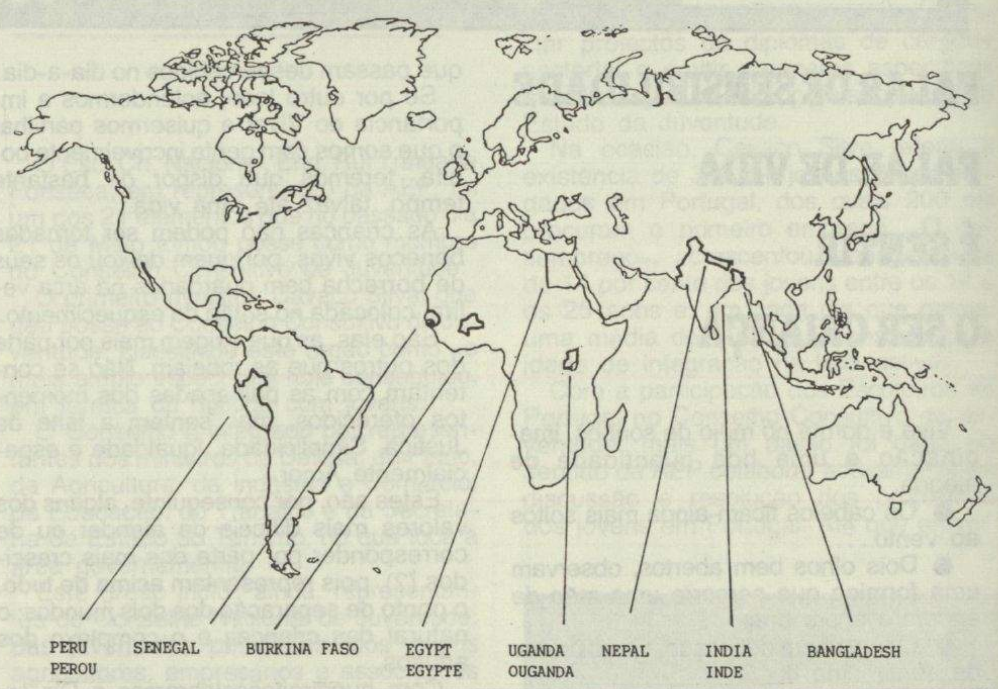
Nestes dois últimos anos, a vacinação quase que dobrou. Paralelamente, graças à propagação rápida da TRO, estima-se que perto de meio milhão de crianças são salvas da desidratação.

Um conhecimento aprofundado sobre o aleitamento materno e o controlo de crescimento podem prevenir a falta de nutrição nas crianças, aumentando assim as possibilidades de salvar jovens vidas e prevenir deficiências físicas e mentais.

As quatro técnicas de saúde são a chave do programa sobre «A Saúde da Criança» adoptada pelas guias e escoteiros e a UNICEF.

O relatório insiste na importância de divulgar as técnicas junto das comunidades, particularmente junto de famílias, incitando as pessoas a cuidarem da sua saúde não dependendo dos serviços de saúde.

Isto é particularmente importante se considerarmos que somente 25% das crianças no Mundo têm acesso a serviços de saúde.



QUATRO TÉCNICAS PARA SOBREVIVER



1. **Terapia de Rehidratação Oral**

A desidratação provocada pela diarreia é a principal causa de morte das crianças.

Em 1984 cerca de meio milhão de crianças foram salvas graças a esta simples solução de sal, açúcar e água, facilmente preparada em casa (1 litro de água, 8 colheres de açúcar e uma de sal).

2. **Registo do crescimento**

É uma técnica que visa o registo regular da pesagem de uma criança. Permite à mãe prevenir a falta de nutrição da criança.

3. **Aleitamento materno**

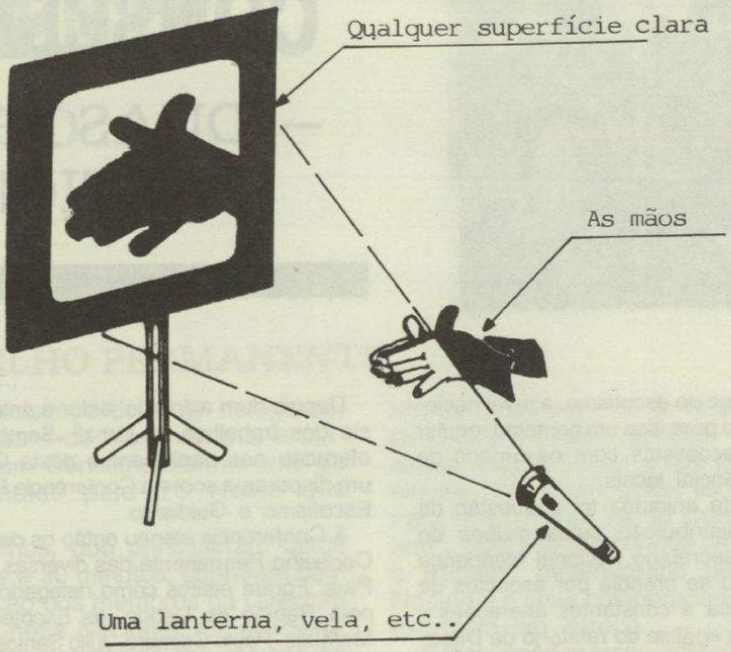
Fornece à criança o melhor aleitamento possível e protege-o contra as doenças mais comuns.

4. **Vacinação**

A vacinação é um novo método que protege a criança contra variadas doenças.

VAMOS FAZER SOMBRAS CHINESAS!!

O Material:





LOBITOS

ESTA É A VOSSA PÁGINA



JOGO DO APITO

Os Lobitos caminham em círculo e cada vez que Aquelá soar o apito sentam-se no chão.

O último a fazê-lo sai do jogo.

Outra forma de jogar: Aquelá conta uma história e cada vez que pronuncia uma palavra escolhida previamente, sentam-se todos, o que não se sentar sai do jogo.

O RATO

Os Lobitos formam um círculo; um deles com os olhos vendados e fica no centro, fingindo de gato. Cada Lobito no círculo representa um rato, e, um de cada vez, arrasta-se em direcção ao gato. Assim que o gato se aperceber de algum ruído, aponta na direcção da qual acha que este proveio.

Se acertar na direcção em que o Lobito se arrasta, este pára onde estiver e aí fica.

Outro rato arrasta-se, então.

Quando todos os ratos tiverem participado, quem estiver mais próximo do gato é o vencedor.

O círculo deverá ser tão grande quanto o local o permitir.

Deverá haver o máximo silêncio.

ENCONTRAR O RELÓGIO

Com a Alcateia ausente da sala escondam um relógio.

Façam que os Bandos voltem à sala e dêem-lhe 5 minutos para que o descubram através do tic-tac e cada Lobito pesquise individualmente.

Quando algum deles tiver descoberto o relógio, não deverá indicar de forma alguma onde está; apenas demonstrará que sabe.

A Alcateia forma-se então, em círculo, e outorgar-se-ão pontos aos que disserem correctamente o lugar onde ele se encontra.

Quando se repete este jogo na mesma sessão, podem esconder-se dois ou mais relógios.



CONFERÊNCIA NACIONAL E CONSELHO PERMANENTE

– DUAS REUNIÕES POUCO PARTICIPADAS



Aspecto da sala de Conferência



Fanfarra do grupo durante a recepção aos conferencistas

CONFERÊNCIA NACIONAL

No passado dia 3 de Maio reuniu na Universidade Livre do Porto, mais uma Conferência Nacional da Associação dos Escoteiros de Portugal. Neste reunião do principal órgão associativo participaram pouco mais de 75 dirigentes, provenientes na sua grande maioria de grupos das regiões de Lisboa, Porto, Estremadura, Madeira e Açores.

Uma conferência com um sabor a amargo-doce. Doce pela participação consciente e responsável de todos quanto estiveram nesta reunião, ressaltando-se a vontade de agir em comum no caminho da resolução dos problemas associativos. Amargo, por todos aqueles que não marcaram presença nos importantes debates desta Conferência, por todos aqueles dirigentes que se encontram desmobilizados para participar na resolução das questões da vida associativa. Somente dezoito unidades escotistas estiveram representadas, o que é realmente lamentável, se atendermos que a AEP tem cerca de uma centena de grupos de escoteiros. Neste horizonte negro de falta de mobilização e participação, uma palavra de apreço pelos dirigentes das novas unidades escotistas que marcaram presença, embora sem direito a voto, e participaram de forma adulta e consciente da realidade associativa.

O presidente da Conferência, Eng. Nobre dos Santos, deu início aos trabalhos por volta das 15 horas, após a escolha do secretário EC, Brás Mateus.

Deu-se então partida para a análise das contas da Direcção Nacional referentes aos anos de 1983/84, as quais após a leitura da acta do Conselho Permanente no ponto referente à análise das contas, acabaram por ser aprovadas pela Conferência.

Usa então da palavra o Presidente da Direcção Nacional, José Rafael Baudoin, apresentando o relatório da Direcção Nacional, onde realça a participação da AEP no Conselho Nacional de Juventude; as relações com o CNE no âmbito da Federação Escotista Portuguesa; a participação da AEP em actividades internacionais; e aposta no sector gráfico associativo.

Marca então lugar uma interessante discussão sobre este relatório, onde são abordadas questões como a situação da Associação no Conselho Nacional de Juventude e a melhoria da imagem associativa através do serviço de relações públicas.

Sobre este assunto foi defendido pelo Chefe de Redacção do Jornal «Sempre Pronto», a necessidade de promovermos uma verdadeira imagem de marca do escotismo, a nível nacional, contribuindo para isso um contacto regular das unidades escotistas com os órgãos de Comunicação Social locais.

Ainda bastante animada foi a questão da impressão e distribuição pelos grupos do PÕR, tendo o secretário nacional Mendonça referido que isto se prendia por aspectos de ordem económica e constantes alterações.

No final desta análise do relatório da Direcção Nacional, Rafael Baudoin referiu o seu optimismo quanto ao futuro, em regozijo pela estabilização da situação financeira da Associação.

Interessante foi também a intervenção do Presidente da conferência Nacional que defendeu uma maior solidariedade entre os órgãos associativos (Chefia Nacional, Direcção Nacional e Presidente da Conferência Nacional), afirmando que os dirigentes devem pensar a sério nos destinos da vida associativa, e de quem deles vai ser timoneiro, reafirmando a dado passo a responsabilidade dos escoteiros-chefe de grupo na escolha dos dirigentes nacionais e quanto ao futuro da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Depois de um breve intervalo, os trabalhos reiniciaram-se com a análise do plano de acção em curso da Chefia Nacional.

O plano exposto pelo Chefe Nacional Rui Fonseca, de uma forma objectiva e bastante elucidativa, diagnosticou o escotismo na AEP.

A exposição do Chefe Nacional motivou um interessante debate com bastante vivacidade onde foram abordados os problemas do dirigente, a relação grupo de escoteiro-região, papel dinamizador de uma região e do grupo de escoteiros, tendo sido defendido a dado momento a necessidade urgente de um plano nacional de formação.

Rui Fonseca durante o debate afirmou que «se somos um movimento de juventude temos de ter meios para evoluirmos. Não podemos estagnar» reforçando a necessidade de «darmos a cara» sermos «um movimento interveniente junto da sociedade portuguesa».

Entretanto, Paulo Cocco, reponsável pelo Departamento de Actividades da Chefia Nacional, fixou como prioridades de acção a realização do Acampamento Nacional de 4 a 11 de Agosto na Costa da Caparica, e um Indaba Nacional a realizar ainda este ano.

No final do debate acabaria por ser aprovado o relatório da Direcção Nacional, tendo-se registado 4 abstenções.

Depois dum animado jantar e antes do reinício dos trabalhos, o Jornal «Sempre Pronto» ofereceu aos participantes desta Conferência um diaporama sobre a Conferência Europeia de Escotismo e Guidismo.

A Conferência elegeu então os delegados ao Conselho Permanente das diversas regiões do País. Foram eleitos como delegados efectivos pela Região de Lisboa, os Escoteiros-Chefe, Marquês, Paulo Coimbra, Júlio Santos e Miguéis, pela Estremadura os dirigentes, João Maceira, Carlos Namorado, Augusto Duarte e Luís Catarino, da região de Faro, Cidália Dias e pelos Açores, o dirigente Juvenálio Rego, por Setúbal, o Escoteiro-Chefe Victor Pinto e finalmente pela Região do Porto, Mário Cardoso, Domingos Figueiredo e Marta.

Sobre a eleição dos delegados ao Conselho Permanente, o EC Nobre dos Santos referiria «a necessidade de dinamizar a representação das restantes regiões no Conselho Permanente, só assim e com maior interesse e participação se terá uma verdadeira representação nacional no Conselho Permanente».

Esta falta de mobilização e participação viriam a causa nos termos do artigo 22 do PÓR, a falta de quorum, necessário da alteração de estatutos, verificando-se que não se encontravam presentes 45 dirigentes com voto deliberativo. Assim registou-se a incapacidade desta Conferência Nacional para proceder a alterações de estatutos.

Esta falta de quorum foi a grande «pedra no sapato» desta Conferência Nacional, como referiria o Chefe Regional de Lisboa, Pedro Madeira «da urgência de motivar a participação em todos os quadrantes da vida associativa».

O Presidente da Direcção Nacional finalizaria esta reunião do Porto, com uma palavras finais, onde reafirmou a necessidade de formação e descentralização visando o desenvolvimento. Anunciou ainda, a intenção de realizar um festa comemorativa dos 75 anos do escotismo da AEP, onde prevê a atribuição da Liz de Prata a todos os grupos de escoteiros com mais de 50 anos de acção ininterrupta. Acabaria a sua exposição sensibilizando os dirigentes para à necessidade de encontrarem os futuros animadores da vida associativa.

Acabaria assim, já noite dentro mais uma Conferência Nacional da AEP, onde se sentiu uma real vontade de agir em comum, onde só a fraca mobilização dos dirigentes teve um sabor bastante amargo.

CONSELHO PERMANENTE

Com a presença de vinte delegados, reuniu no dia 4 de Maio, durante a manhã, mais um Conselho Permanente da AEP, presidido pelo EC Nobre dos Santos.

Os trabalhos, que principiaram cerca das 9 horas e 30 minutos, contaram com a participação dos membros da Direcção Nacional, Chefia Nacional, jornal «Sempre Pronto» e delegados das regiões de Lisboa, Porto, Estremadura, Madeira e Açores.

Da Ordem de Trabalhos constou a análise, verificação e aprovação das contas da Direcção Nacional relativas a 1985, e a aprovação de alterações ao Regulamento da AEP.

Inicialmente a O.T. integrava mais dois pontos cuja discussão ficou consumida durante os outros pontos agendados.

Após a habitual verificação dos mandatos dos diversos delegados, foi aprovada a acta do último Conselho Permanente.

Entrava-se assim na análise das contas de 1985, através da leitura do parecer emitido pelo Conselho Fiscal. Neste documento afirmava-se: «a boa ordem e arrumação das contas, facto que enaltece com evidente satisfação». Acrescenta ainda o parecer do Conselho Fiscal a sugestão «de no mais curto espaço de tempo procurar-se a angariação de quaisquer outras receitas, através de ideias a desenvolver e que procurem minimizar, de algum modo, as despesas financeiras». No final do Conselho Fiscal tem a honra de propor que seja enaltecido o trabalho desenvolvido pela Direcção Nacional e seus colaboradores, durante o exercício em apreço.

A discussão marcou então presença no debate sobre a análise das contas de 1985, tendo o tesoureiro Victor Santos, solicitado mais sentido crítico, de forma a melhorar aspectos gerais da contabilidade associativa. Este debate, que analisou aspectos pontuais como a estrutura financeira do Serviço de Material e Uniformes, desenvolvimento económico do Parque de Escotismo da Caparica, e máquina burocrática da AEP, finalisou com a aprovação de 18 votos a favor e uma abstenção das contas da Direcção Nacional referentes a 1985.

Ainda sobre a tesouraria associativa, registe-se a capacidade e espírito Sempre Pronto do actual tesoureiro EC Victor Santos, que permitiu actualizar a contabilidade associativa. A este propósito referiu a representante do Jornal «SP», que «somente com o empenhamento de todos os dirigentes, na vida associativa, estes e outros problemas ficarão resolvidos».

Este Conselho Permanente passou então ao 2.º ponto da OT, que dizia respeito a alterações ao Regulamento da AEP.

É então apresentado pela Chefia Nacional uma proposta de alteração funcionamento da organização de um grupo de escoteiros.

Esta proposta viria a causar inicialmente grande polémica, pela alteração que preconiza e pela forma tardia como a Chefia Nacional apresentou o projecto, que não permitiu a discussão em algumas regiões do País.

A alteração acabou por ser aceite para discussão pelo Conselho Permanente, registando-se a partida uma inteira adesão das regiões de Lisboa e Estremadura e algumas reticências por parte das regiões do Norte do País.

A resposta que o «Sempre Pronto» divulga para que todos tenham possibilidade de a analisarem e de se manifestarem, visa a extinção das Direcções dos grupos de escoteiros, criando um conselho de chefia que integrará todos os dirigentes do grupo de caminheiros que têm como competência a nomeação ou substituição do Chefe de Grupo, a definição da orientação geral do grupo, e a análise da formacomo é desenvolvido o escotismo no

AEP VAI ELEGER OS SEUS 3 DIRIGENTES MÁXIMOS

A nossa Associação vê-se agora, mais uma vez, na necessidade de preparar a escolha dos três dirigentes máximos associativos a eleger na XXI Conferência Nacional de Dirigentes, a realizar em Novembro deste ano.

Seria, portanto, bom, se aparecessem propostas antecipadamente formando equipas coesas e dispostas a trabalharem coordenadamente, quer na Direcção Nacional, quer na Chefia Nacional.

Embora todas as Regiões devam dar o seu contributo, não há dúvidas de que as Regiões de Lisboa e limítrofes terão que se aplicar mais concretamente, assim como a Fraternal.

Para além da escolha das Direcções e Chefia Nacionais, também há que procurar um substituto para o cargo de Presidente da Conferência Nacional.

APARATOSO ACIDENTE DA CHEFIA NACIONAL

A Chefia Nacional sofreu no regresso a Lisboa, da XX Conferência Nacional de Dirigentes, um aparatoso acidente de viação, na Estrada Nacional N.º 1, a poucos quilómetros de Pombal. Embora não se tivessem registado dados pessoais ou materiais, o acidente poderia ter causado graves consequências.

Na viatura conduzida pelo Escoteiro-Chefe Nacional, Rui Fonseca, seguiam o ECNA Paulo Cocco, AECNA Luís Marques, Chefe de Redacção do «Sempre Pronto», Ricardo Coimbra e ainda o dirigente Paulo Constantino, do Grupo 8.

O acidente que motivou o despiste na viatura do Chefe Nacional produziu o aparato de dois peões na faixa de rodagem contrária, devido à falta de prudência do condutor que precedia a viatura da Chefia Nacional.

Refira-se ainda que o Presidente da Direcção Nacional, José Rafael Baudoin e sua equipa, chegaram a Lisboa cerca das duas da manhã, por se ter verificado uma avaria na viatura onde seguiam.

Ufa, desta já nós escapámos! E o repórter do «Sempre Pronto» estava lá, em cima do acontecimento.

PROPOSTA PELA CHEFIA NACIONAL A ALTERAÇÃO DO P.O.R.

NA ORGANIZAÇÃO DE UM GRUPO DE ESCOTEIROS

4.1 (Mantêm o texto actual).

4.1.1. (Mantêm o texto actual).

4.2 O grupo de escoteiros tem uma chefia, que é a entidade responsável pela continuidade e regularidade do seu funcionamento nos termos dos artigos 7.º e 26.º dos estatutos.

4.3 O Grupo de escoteiros designa-se por um número de ordem de filiação, estabelecido pela Direcção Nacional.

4.4 (Mantêm o texto actual).

4.5 Um grupo de escoteiros é composto pelo Conselho de Chefia, Chefia de grupo, alcateia, tribo e clã. Pode no entanto funcionar com, pelo menos, uma das três divisões etárias.

4.5.1 O Conselho de Chefia é constituído por todos os escoteiros-chefes e seus adjuntos sendo presidido pelo escoteiro-chefe de grupo.

Podem participar todos os caminheiros mas sem direito a voto.

Compete-lhes:

1. Propor a nomeação ou substituição do escoteiro-chefe de grupo;

2. Definir a orientação geral do grupo para o ano escotista segundo as linhas de acção regionais e nacionais;

3. Analisar e deliberar periodicamente a forma como é desenvolvido o escotismo no grupo, comunicando aos órgãos regionais e nacionais as deficiências que, eventualmente se verifiquem no funcionamento do grupo.

4.5.2. (Mantêm o texto actual).

4.5.2.1. (Mantêm o texto actual).

4.5.2.2. Na alcateia, na tribo e no clã, a autoridade aos respectivos chefes é plena, e a responsabilidade do escoteiro-chefe de grupo é exercida no plano de coordenação, podendo, porém, intervir excepcionalmente na vida da divisão.

4.5.2.3. O escoteiro-chefe dos serviços administrativos deverá ter pelo menos dois adjuntos, o secretário e o tesoureiro do grupo. Poderá ainda ter adjuntos para, material de campo, relações públicas, etc.

4.5.2.4. (Mantêm o texto actual).

4.5.2.5. Caso o Conselho de Chefia o entenda poderá ser criado um Conselho Consultivo.

1. Preferencialmente este órgão será composto por antigos escoteiros, familiares de escoteiros ou amigos do grupo.

2. Tanto a constituição como o funcionamento deste órgão não necessitam de oficialização em boletim oficial.

3. O seu relacionamento com o grupo é da inteira responsabilidade da chefia de grupo.

4.6. e os seguintes (mantêm o actual texto).

CONSELHO PERMANENTE

grupo de escoteiros. Com esta proposta de alteração seria ainda criado um Conselho Consultivo preferencialmente composto por antigos escoteiros, encarregados de educação ou amigos do grupo de escoteiros, tendo como funções o apoio geral à vida do grupo.

Depois de uma longa e interessante discussão, o Conselho Permanente viria a aprovar, embora com os votos contrários dos delegados das regiões da Estremadura e Lisboa, que o documento fosse analisado profundamente pelos Escoteiros-Chefe da AEP a todos os níveis, podendo então o próximo Conselho Permanente decidir da sua aprovação ou rejeição.

É assim que este documento volta as mãos dos dirigentes da AEP, para que o possam analisar de forma responsável. Para os dirigentes que desejarem emitir a sua opinião sobre esta grande reforma nacional, o jornal «Sempre Pronto» encontra-se à disposição para publicar reflexões sobre esta grande discussão nacional.

O Conselho Permanente viria a terminar cerca das 13 horas. Uma reunião onde a discussão responsável marcou presença e produziu resultados.



Em Castelo Branco

UMA HISTÓRIA DE CORAGEM

Domingo, 20 de Abril, pelas 12 horas, Alexandre José Diogo Saraiva, de 13 anos de idade e aspirante da tribo do Grupo 67, de Castelo Branco, encontrava-se a passear nas imediações do seu bairro, juntamente com dois amigos, quando depararam com um miúdo a tentar subir uma escarpa que ladeia a estrada de acesso ao castelo daquela cidade.

A 2 metros do cimo da escarpa, o pobre miúdo, com nove anos de idade, vê-se incapaz de se deslocar, começando a soltarem-se pedras debaixo dos pés.

Encontrando-se já a 4 metros do solo, uma queda poderia mesmo ser-lhe fatal, mas dominado pelo medo não conseguia subir, nem descer!

É então que o Alexandre intervém: após acalmar o garoto, corre a casa buscar uma corda. Trepa a escarpa por outro lado mais acessível, com a ajuda de um cabo de aço, que lá existia e uma vez no topo ata a corda a uma árvore, lançando a outra ponta ao infeliz, ajudando-o a completar a subida.

O caso permaneceu ignorado até que, surgindo alguns rumores. Os dirigentes do grupo averiguaram o caso, apurando então a história que acabo de narrar.

Em declarações prestadas, o Alexandre limitou-se a dizer: «Os meus amigos ajudaram-me. Foi tudo um trabalho de equipa».

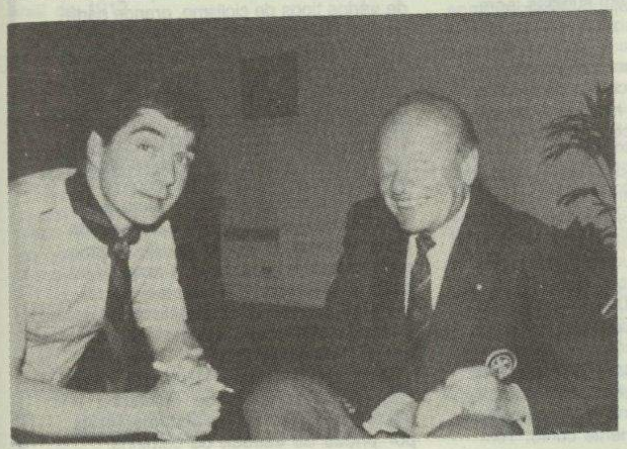
O pai do Alexandre referiu que o escotismo é responsável por tal atitude do filho, criando-lhe a predisposição para auxiliar o próximo e desenvolver a determinação na sua actuação.

A mãe do miúdo que foi salvo, emocionada, pretende inscrever os seus dois filhos no Grupo 67.

Conclusões?

Possível admissão de cinco novos aspirantes e credibilidade do Escotismo como movimento de utilidade pública e de formação juvenil.

Lazlo Nagy, secretário-geral da Organização Mundial de Escotismo, esteve em Portugal participando na Conferência Europeia de Escotismo e Guidismo. «Sempre Pronto» aproveitou a ocasião e nasceu a entrevista.



Lazlo Nagy e o chefe de redacção do «SEMPRE PRONTO», Ricardo Coimbra, aquando da conferência Europeia de Escotismo e Guidismo

SP — **Enquanto Secretário-Geral da Organização Mundial de Escotismo, o que pensa da importância do escotismo em todo o Mundo?**

LN — Como somos um movimento em 119 países de culturas e histórias muito diferentes, torna-se difícil dar uma só imagem; mas como temos a sorte de termos todos os mesmos princípios, a mesma lei, a mesma promessa, existe, apesar de tudo, unidade no escotismo — somos um movimento verdadeiramente espalhado por todo o Mundo.

SP — **Será que o escotismo de hoje se está a afastar do sobjectivos de 1908, quando foi fundado por Lord Baden-Powell?**

LN — Não creio, pois, o escotismo teve que mudar com os tempos; por exemplo, há 78 anos éramos o único movimento ecológico. Nessa altura os tempos eram difíceis, não tínhamos carros, tínhamos pouquíssimos meios, pelo que os problemas eram muito diferentes. Também nessa altura, um problema que existia a nível mundial era o dos jovens que viviam nas grandes cidades poluídas e da necessidade de terem um maior contacto com a Natureza. Para tal, era necessário que o escotismo ensinasse esses jovens a viver na Natureza, mas hoje, há países onde o escotismo ensina os jovens a viver 365 dias na Natureza, mesmo vivendo em grandes cidades. É na «selva» das grandes cidades que eles precisam de sobreviver, pois esta é mais perigosa que a verdadeira selva. Por conseguinte, o programa escotista mudou, mas não o espírito que está por detrás deste. O escotismo continuará a querer desenvolver ao máximo as potencialidades dos jovens, para que estes se tornem cidadãos honestos, leais e competentes no seu meio local, nacional, internacional. Esta base tem-se mantido inalterável desde o lançamento do escotismo por B.P.

O ESCOTISMO É UMA RESPOSTA POSSÍVEL PARA AS DIFICULDADES DA JUVENTUDE

Hoje o «morse» é um código que já não tem tanto interesse, quando existe a comunicação via satélite, o computador. O mundo mudou, mas o espírito que está por detrás é o mesmo.

SP — **Lazlo, que resposta pode dar hoje o escotismo aos problemas mundiais, nomeadamente aos problemas da juventude?**

LN — Penso que o escotismo não é uma cura milagrosa para todos os males do Mundo, nem para as dificuldades da juventude, mas sim uma resposta possível, pois a ajuda os jovens, que querem fazer algo com significado e com certa utilidade, usando a sua energia e tempo livre duma maneira criativa. Penso, assim, que o escotismo é uma resposta possível para essas dificuldades, mesmo não sendo a resposta universalmente legitimada.

SP — **De que modo poderão contribuir as decisões tomadas aqui na Conferência de Ofir para uma melhoria visível da sociedade ou pelo menos para que algo mudasse?**

EM EXCLUSIVO PARA «SEMPRE PRONTO» E FLOR DE LIZ

LN — Penso que as resoluções aqui tomadas, e foram muitas, visam melhorar o programa escotista e adaptá-lo às necessidades em constante mutação. Além disso, os diferentes grupos de trabalho abordaram certas matérias do escotismo em que penso termos encontrado muitas respostas às interrogações postas. Creio que esta Conferência de Ofir será considerada como um marco extremamente importante na história do escotismo não só europeu mas mundial.

A CONFERÊNCIA DE OFIR SERÁ UM MARCO NA HISTÓRIA DO ESCOTISMO MUNDIAL

SP — **Os países mediterrâneos nomeadamente Portugal, têm um modo muito próprio de participar na vida do movimento escotista. De há dez anos a esta parte, Portugal tem-se empenhado nos principais acontecimentos do escotismo internacional e perguntamos de que modo poderemos melhorar o nosso escotismo, a nossa participação ou de que modo é que a região europeia poderá ajudar as associações em vias de desenvolvimento, se é que tal lhes poderemos chamar?**

LN — Bom, temos que ver que somos um movimento de educação, pelo que no fundo, ajudamos um País em vias de desenvolvimento, não só o valor económico da ajuda que conta, mas também o valor educativo, que deve ser estendido a todos: aquele que recebe auxílio técnico e aquele que o dá, fazendo isso talvez aprenda e lucre mais. Numa organização de serviço como o escotismo, em que a ajuda fraternal tem um papel importante, penso que tanto aquele que recebe um dom, como aquele que o dá, lucram. Num movimento internacional como este, é preciso empenho nesses contactos, pois a juventude, hoje em dia, é muito mais internacional que as outras gerações, está muito mais sensibilizada para a solidariedade internacional. É preciso satisfazer essa necessidade da juventude, também através do escotismo, através do empenho em acções que visam o desenvolvimento.

SP — **Desejas deixar uma última mensagem aos escoteiros portugueses?**

LN — A mensagem que vos deixo é uma mensagem de fraternidade. Estive já diversas vezes em Portugal e tive sempre uma grande simpatia pelos portugueses, pela sua maneira de viver, pela sua maneira de ser, pelo seu calor humano. Penso que, pelas suas qualidades, Portugal e os escoteiros portugueses poderão contribuir para o melhoramento do escotismo, para que este se torne uma verdadeira fraternidade.

SP — **Obrigado, Lazlo, e boa sorte para o futuro.**

ESCOLHE A BICICLETA CERTA

Saber o que procurar é o mais importante, antes de colocar o pé direito dentro de um loja de bicicletas.

Escolher a bicicleta certa não é mais, uma tarefa fácil. O comprador costumava ter somente duas escolhas, a bicicleta de corrida com pneus finos ou o pesado modelo com pneus balão.

Hoje em dia, no entanto, existe uma larga gama de alternativas.

Se vais comprar uma bicicleta, torna-te familiar com as seguintes categorias, entre as quais terás que optar:

BICICLETAS DE CORRIDA — A maioria aparecem com os aros e as próprias rodas muito estreitas e têm o guiador curvo. A estrutura geométrica, ou os ângulos formados através da junção dos tubos, têm como função principal a condução rápida.

As bicicletas construídas para pistas de corrida possuem um só mecanismo e não possuem travões.

As bicicletas de corrida para estrada, provavelmente com mais escolha, têm travões e estreita variedade de mecanismos.

Compra uma bicicleta de corrida se a primeira prioridade for a velocidade.

BICICLETAS DE TURISMO — Este tipo de bicicletas, tem os pneus levemente mais largos do que os das bicicletas de corrida, e a grande maioria aparecem com o guiador curvo e virado para baixo. A sua estrutura geométrica favorece a estabilidade para além da agilidade. Como característica notável tem, uma vasta série de mecanismos, os quais são benéficos para uma condução quer no plano horizontal quer no plano da subida acidentada, mas não para rápidas acelerações.

As bicicletas de turismo são concebidas para um bom pedalar em estradas pavimentadas. Embora, um pouco mais pesadas que as de corrida, em parte por causa do porta-bagagens, são ainda leves e suficientemente fortes para transportar o ciclista e o seu equipamento durante longas distâncias.

BMX — As iniciais significam «bicycle motocross» bicicleta de motocross, a qual é um tipo especial extra-estrada.

As bicicletas deste tipo são baixas e fortes, equipadas com rodas pequenas e pneus com perturberâncias, para permitir uma melhor aderência ao piso. Os ciclistas de exibição também as utilizam para estilo livre. quase como bicicletas de ballet.

A bicicleta BMX é construída para «bater», capazes de suportar saltos e uma condução agitada sobre obstáculos, condução essa que destruiria uma bicicleta de turismo ou córrida.

São no entanto, muito lentas face a longas distâncias. Portanto, não comprem nunca uma BMX, se pretende fazer cicloturismo.

BICICLETA DE MONTANHA — São também denominadas de bicicletas para todo o terreno.

Estas são bem maiores do que as BMX, têm largos pneus com preturberâncias; com o guiador quase direito, e uma larga variedade de mecanismos para bons arranques em subidas íngremes, estradas não pavimentadas e atalhos.

Os tubos da estrutura têm um diâmetro superior aos da bicicleta de turismo, mas as bicicletas de montanha conseguem permanecer comparativamente mais ligeiras.

As pessoas utilizam-nas em estradas e fora delas. No entanto, em estradas pavimentadas e à mesma velocidade, cansam mais depressa um ciclista de montanha do que aqueles que utilizam bicicletas de turismo ou corrida.

BICICLETAS DE CIDADE — É a mais nova das categorias de bicicletas e foi criada através da junção dos desenhos das bicicletas de turismo e montanha. Tem como características realçantes uma série de mecanismos, guarda-lamas e guiador levemente curvo. Têm ainda os pneus e os tubos de estrutura mais finos e leves em comparação à bicicleta de montanha.

O nome implica, o fim para que são destinadas: ciclismo citadino em estradas de cidade.

A maioria dos ciclistas utilizam-nas nas deslocações de ou para o trabalho e escola.

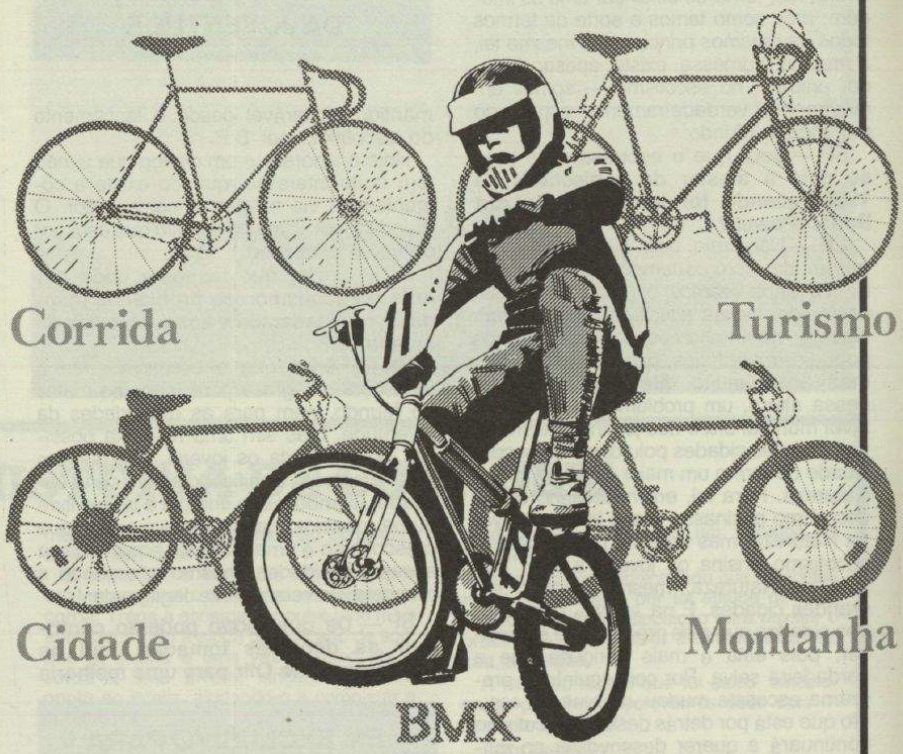
Por sorte para os ciclistas que gostam de vários tipos de ciclismo, grande parte destas bicicletas são adaptáveis.

Por exemplo, a bicicleta de turismo pode ser conduzida em estradas não pavimentadas, especialmente se a apetrecharmos com pneus maiores. Do mesmo modo, o porta-bagagens pode ser colocado em bicicletas de corrida em estradas e podem ser melhorados os aspectos mecânicos na de turismo. Uma bicicleta de montanha pode ser equipada para ciclismo de cidade ou de turismo para todo o terreno. No que respeita ao ciclismo de cidade, juntem-se guarda-lamas, coloque-se um cesto e bolsas laterais e traseiras, troquem-se ainda os pneus largos por finos.

Para turismo, junta-se um porta-bagagens na bicicleta de montanha e trocam-se os pneus com perturberâncias por pneus de estrada ou caminho.

Todavia, adaptar um bicicleta não pode ser nunca substituto na escolha certa da bicicleta a utilizar.

Escolhe então cuidadosamente o tipo certo de bicicleta, antes de entrares com o pé direito dentro de uma loja.



LISBOA

1.º GRUPO ESTÁ DE PARABÉNS

É com alegria que aqui registamos a passagem de mais de um ano de meritórios serviços do Escotismo e à Juventude lisboeta pelo Grupo n.º 1 da nossa Associação, fundado em 9 de Abril de 1912.

Apesar da nossa equipa de redacção não ter podido corresponder ao amável convite para estar presente nas comemorações deste 74.º aniversário, não queremos deixar de divulgar um resumo do programa de iniciativa levadas a cabo pela Chefia do Grupo com vista a celebrar condignamente esta efeméride. Assim, o dia 13 de Abril amanheceu com aconcentração dos escoteiros na sede do 1.º Grupo para realização de um jogo de cidade que se desenrolou ao longo de toda a manhã. Após o almoço realizou-se a sessão solene com Promessas, Compromissos de Honra, Investiduras, distribuição de prémios e leituras alusivas ao acto. Seguiu-se depois uma projecção de slides e uma exposição de material histórico com que foram encerradas estas comemorações. Para terminar, a equipa redactorial do «SEMPRE PRONTO» quer felicitar a chefia e os escoteiros do 1.º Grupo por esta data e deixar votos de que prossigam o seu valoroso trabalho na senda do Escotismo.

PORTO



VISITA DA FRATERNAL ÀS DUNAS DE S. JACINTO

A delegação do norte da Fraternal dos Antigos Escoteiros, levou a efeito no passado dia 27 de Abril uma visita de estudo à Reserva Natural das Dunas de São Jacinto. Esta visita comemorativa do dia do patrono São Jorge, integrou ainda um almoço confraternização com grupos da região do Porto.

CASTELO BRANCO

GRUPO 67 FEZ UM ANO

Castelo Branco comemorou no passado dia 25 de Maio, o 1.º aniversário do Grupo 67 da AEP.

Este Grupo que tem desenvolvido um magnífico trabalho escotista, aproveitou a efeméride para realizar compromissos de honra.

AÇORES

ESCOTEIROS DE SÃO JORGE COMEMORAM DIA MUNDIAL DA ÁRVORE

Pela primeira vez desde que existem escoteiros na ilha de S. Jorge, realizou-se um acampamento conjunto com a presença do nosso Grupo 121 da Calheta e três agrupamentos do CNE instalados na ilha.

Este acampamento realizou-se nos dias 20, 21 e 22 de Março na freguesia de Urzelina e contou com a presença de aproximadamente 60 escoteiros e escutas. Realizando um eficaz trabalho de coordenação os participantes fizeram uma recolha de todas as espécies arbóreas da região, elaboraram cartazes representativos dos espécimes colhidos, construíram uma ponte sobre uma ribeira e um viveiro para as árvores devidamente protegido.

O acampamento foi também animado pela realização dum jogo de seguimento de pista e pelo alegre convívio escotista do fogo de concelho, bem como pela realização duma missa campal.

Esta actividade demonstrou bem a força que resulta da união de unidades escoteiros em redor de projectos de protecção à Natureza.

SANTARÉM

ESCOTEIROS AMIGOS DO TEJO

A JUVENTEJO (Juventude Amiga do Tejo) é um movimento ligado à Associação dos Amigos do Tejo e foi formada em 16 de Novembro do ano transacto, sendo composta maioritariamente por elementos do Grupo 66 de Benavente. Os seus principais objectivos são: promover a defesa de ecossistema fluvial; desenvolver e apoiar todo o tipo de iniciativa culturais relacionadas com o rio, principalmente a preservação do património histórico-cultural das gentes ribeirinhas; estudar o aproveitamento de todas as potencialidades lúdicas que a baja e as margens do Tejo podem proporcionar.

Foi para dar corpo a estes objectivos que a Juventude iniciou as suas actividades para este ano com a realização dum passeio à Reserva Natural do Estuário do Tejo no dia 23 de Março, passeio esse que contou com a colaboração da Câmara Municipal de Benavente que assegurou o transporte gratuito dos 60 participantes neste passeio.

A visita principiou com a ida a Alcochete, onde se visitou a ETAR — Estação de Tratamento de Águas Residuais, após o que se dirigiram a um pavilhão desportivo onde se teve a oportunidade de assistir a um filme relativo à Reserva completado por uma exposição feita pelo Dr. António Antunes Dias, director da Reserva.

Após um almoço convívio entre todos os participantes o passeio prosseguiu com uma caminhada através dos mais belos recantos proporcionados pela Reserva, onde se fizeram longas observações de aves com binóculos, tiragem de fotografias e redacção de algumas notas com maior interesse.

A visita terminou com a conclusão de que é, de facto, necessário assegurar a defesa do rio em geral e, em particular, da Reserva Natural do Estuário do Tejo, com vista à conservação de «habitat» muito próximos do estado natural que representam um elevado valor a nível internacional como local de passagem de aves migradoras.



CLÃ REGIONAL DE SANTARÉM VAI AVANTE

Efectuou-se nos dias 8 e 9 de Março último, a primeira reunião regional de Caminheiros, na sede do Grupo 72 do Cartaxo com a presença de Caminheiros deste último grupo, do 81 de Vila Franca de Xira e do Grupo em formação do Alfange.

Esta reunião, apesar de não ter a participação de metade dos grupos de Região, revelou-se especialmente produtiva pois os participantes analisaram a situação dos Caminheiros dentro dos grupos, projectaram a lista das actividades regionais de Clã para 1986 e definiram a filosofia do Caminheirismo para a Região, na qual queremos destacar os seguintes objectivos:

- — Auxiliar na formação / educação dos mais novos;
- — Levar o Caminheiro a tomar consciência das suas responsabilidades como membro activo da sociedade;
- — Contribuir para a formação do carácter do Caminheiro através do desenvolvimento da firmeza, da resistência e da iniciativa;
- — Desenvolver o espírito de fraternidade entre jovens.

SEMPRE PRONTO

CORRESPONDENTES

Como é sabido, a nova equipa redactorial do nosso Mensário Escoteiro pretende dinamizar a divulgação da actividade escotista a nível nacional, dando à nossa Associação a informação que merece. Esta tarefa só poderá ser levada a carto com resultados satisfatórios mediante a colaboração activa e interessada dos correspondentes que, como é sabido, são os representantes do «Sempre Pronto» ao nível dos Grupos de Escoteiros, estando por isso encarregados de realizar reportagens das actividades escotistas locais, angariar novos assinantes para o jornal e zelar para que as antigas assinaturas sejam revalidadas a tempo.

Agradecemos, portanto, o simpático serviço que os correspondentes têm prestado, ficando aqui registada uma palavra de estímulo para que continuem a desempenhar as suas funções sempre com maior dedicação.

No que respeita aos grupos que ainda não têm correspondente, aconselhamos que nomeiem um elemento da sua unidade escotista para desempenhar esta tarefa, pois só desse modo toda a Associação terá acesso a informações sobre os seus projectos e actividades.

Juntem-se à equipe de correspondentes do «Sempre Pronto» para que, juntos, possamos fazer do jornal um espaço de divulgação e troca de ideias ou projectos!

O FIM DAS DIRECÇÕES E AS NOVAS QUESTÕES

A Chefia Nacional no último Conselho Permanente apresentou uma proposta que visa a extinção das Direcções dos Grupos.

Com a aprovação na generalidade desta prova, finaliza um longo período de «reinado» de um órgão associativo, que foi justificado por imperativo histórico, e que desde o seu aparecimento sempre esteve em contradição com aquilo que é o Escotismo.

Na verdade, antes do 25 de Abril, o Estado Cooperativista impunha um controlo indirecto sobre todos os movimentos juvenis, onde a AEP não foi excepção. O não acatamento desta disposição teria como consequência directa, o fim da Associação, que não se justificava aos olhos do Estado.

No entanto e apesar desta diferenciação, o peso da genuinidade daquilo que é o Movimento Escotista Mundial estava na AEP. Decidiu-se então criar um órgão de representação no movimento que eram as Direcções. Para este órgão escolhia-se pessoas influentes a nível nacional ou local, que pela sua acção permitiam a subsistência da AEP. Foi esta situação que permitiu que Henrique Tenreiro fosse o Presidente da Direcção Nacional. Era o controlo do Estado em directo. A situação manteve-se após o 25 de Abril. Não convinha talvez, numa altura de relançamento do Movimento alterar a situação. Este relançamento está feito, em parte cabe agora dar novamente a dimensão real ao modo como é orientada a acção do escotismo, que é da exclusiva competência dos dirigentes.

A justificar esta atitude, está a Europa a que pertencemos e onde não há Direcções em Grupos. Só os países que têm um regime autoritário ainda conservam na, maioria, estes órgãos.

Mas o que se pretende com esta proposta?

Pretende-se retirar definitivamente o poder das Direcções dos Grupos e entregar o mesmo a um Conselho de Chefia, órgão deliberativo natural e de direito de um grupo. Quer isto dizer, que todas as decisões serão tomadas por quem directamente está implicado em todas as acções que permitem que exista um grupo ou seja a Chefia e os membros das divisões.

Daí que este órgão seja constituído para além do Chefe de Grupo que o preside, por todos os dirigentes (pedagógicos e Administrativos), e que tem o poder de decidir sobre a nomeação e exoneração do Chefe de Grupo assim como estipular a vida do Grupo a todos os níveis. Aqui temos que fazer uma reflexão sobre o fim a dar a este problema.

Parece que há dois tipos de Directores que temos de distinguir. Por um lado são aqueles que nada fizeram pelo movimento, que encaram as D.G. como um status social que permite mostrar aos órgãos públicos que têm «responsabilidades» com jovens, e que exigem a troco benesses pessoais de tipo social ou económico, onde os grupos nada lucram. São estes que geralmente, quando têm a oposição dos GGs que exigem a sua demissão e assumem o seu lugar, ou então que entram num sistema de chantagem com a própria existência do grupo. Para estes não há lugar na AEP pois não necessitamos de gente inválida mentalmente.

Há no entanto, aqueles directores que desde o início têm dado o seu melhor aos grupos contribuindo activamente para a realização dos objectivos do Escotismo. Estes merecem pelo contrário que seja estudada a sua integração na nova estrutura, que poderá ser por exemplo na Chefia Administrativa. No entanto esta abertura para os quadros de chefia pode ter um reverso. Na proposta da CN tem de ser salvaguarda a esta situação. Evitar a todo o custo que entrem para o movimento quem se quer se servir dele, e permitir aos mais capazes um meio de participação mais activa na vida do grupo.

Esta questão leva-nos para um outro ponto da proposta que é o de se saber como vão ser enquadradas no POR estas nomeações. Estes pontos devem de ser amplamente discutidos por todos, serenamente tendo em sempre em mente que o que o interessa salvaguardar é o bom nome da AEP e garantir a participação de todos os que são válidos. Grande será a tarefa, grandes questões se vão colocar, tais como:

Quem vai nomear os dirigentes administrativos?

Que parâmetros de competência devem ter?

Quantos elementos deve ter uma chefia administrativa?

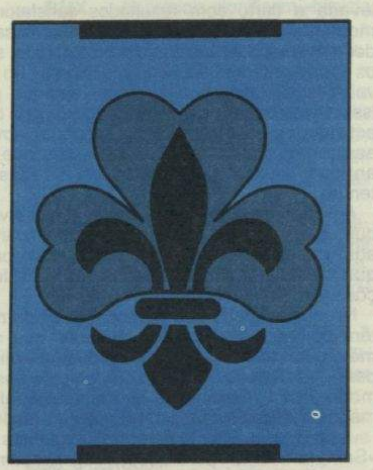
Quantos votos terão no Conselho de Chefia?

Qual será a sua acção na vida do grupo?

Grandes são as questões. E para ter uma resposta, é necessário que todos aqueles, que nunca se importaram com um status social à custa do Escotismo, que discutiam amplamente esta mudança de estrutura. O desafio é difícil, o caminho é árduo, mas somos capazes de ter as soluções como em outras alturas as tivemos. Participa.

Esc. Gr. 48 — Damaia

FRATERNAL DIVULGA RELATÓRIO DE ACTIVIDADES



A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, acabou de divulgar o relatório de actividades e contas de 1984/86.

O relatório, após algumas palavras de abertura, relata pormenorizadamente a jornada que foi «um marco inolvidável na história da FAEP»: a visita de um dos membros do Conselho Mundial da Fellowships, Henry Drogg, que se deslocou a Portugal com a esposa, em visita oficial.

Na sua visita, Henry Drogg foi informado do trabalho executado pela FAEP, e sua acção, participando nas Direcções dos Grupos de Escoteiros e na elaboração de material didáctico escotista. Henry Drogg informou então a FAEP sobre o programa mundial em curso.

A FAEP, por seu turno, informou aquele membro do Conselho Mundial do precioso contributo que tem dado a AEP em serviços à comunidade, nomeadamente em limpeza de zonas urbanas, vigilância nas praias, prevenção de fogos nas florestas, etc.

Esta visita culminaria com um jantar, onde participaram mais de 70 antigos escoteiros, e a camaradagem e boa disposição marcaram presença.

Da leitura deste importante relatório, refere-se ainda a acção dos antigos escoteiros em actividades associativas e regionais, bem como nos grupos de escoteiros.

Em jeito de conclusão deste documento a Fraternal afirma que «pode contribuir cada vez mais na resolução dos problemas da juventude e dar apoio ao Escotismo, particularmente à Associação dos Escoteiros de Portugal», alertando ainda que «é necessário que os associados participem mesmo pouco que seja» com o objectivo de tornar a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal «realmente uma» Força, muito viva no Escotismo Adulto».

É proposto ainda ao Conselho Nacional, a atribuição de medalhas e louvores aos companheiros Eugénio Ramos, Horácio Paiva e António Brito.